

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS: O CASO DA INDÚSTRIA  
MOVELEIRA DE PALHOÇA (SC)**

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária na disciplina CNM 5420 – Monografia.

**Por:** Eliane da Rosa

**Orientador:** Prof. Lauro Mattei

**Área de Pesquisa:** Economia Regional

Palavras – Chaves: 1 Arranjos produtivos locais  
2 Indústria moveleira  
3 Palhoça

**Florianópolis, março de 2007.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 09 (nove) à aluna Eliane da Rosa na Disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

---

Prof. Lauro Mattei  
Presidente

---

Prof. Hoyêdo Nunes Lins  
Membro

---

Prof. Gustavo Fabiano da Costa  
Membro

*Aos meus pais Gilda e Leonildo, que me ensinaram os princípios básicos como: respeito, responsabilidade, disciplina e persistência, souberam me passar isso da melhor maneira, dando exemplo.*

*A minha irmã Tita, que sempre esteve disposta em me ouvir e me ajudou a deixar este trabalho mais bonito.*

*Mas dedico principalmente ao meu filho, que muitas vezes abriu a porta do meu quarto e disse: “ah, você está estudando, depois eu falo”, muitas dessas coisas que ele queria falar ficaram sem serem ditas até hoje.*

## AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento muito especial é para o meu filho Guilherme, por compreender minha ausência, me dar apoio e sabido cuidar bem de si.

Agradeço aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado, principalmente a minha mãe, que foi incansável na luta por me ver estudar e que não se importou de me substituir todas as vezes que não pude dar atenção ao meu filho.

Obrigadinha Tita, por dar um jeito neste trabalho e deixar ele bem apresentável. Também agradeço, por tantas vezes em que você teve de meu ouvir.

As minhas tias Eliete, Leide e Lezi por seu apoio e conselhos e a minha prima Michele, que tantas vezes me tirou de casa pra me distrair.

Agradeço aos meus colegas e amigos do DEINFRA, principalmente ao Ditinho que me liberava para que eu pudesse estudar, ou me deixava sair mais cedo para fazer provas, também pelas longas conversas sobre a importância de ter um curso superior. Obrigada Mariângela, Sara, Sandra e Itamar todos bons conselheiros. Aqui um agradecimento especial ao meu amigo Emilio que me fez um pedido certo dia “deixa pra trancar tua matrícula amanhã, não faça isso hoje” o tempo passou meu amigo, eu acabei ficando e estou aqui terminando a faculdade.

Aos meus colegas e amigos de faculdade, com eles tudo ficou mais fácil. Entre desesperos em dias de provas difíceis, sempre tinha alguém com bom humor. Gostaria de listar todos, mas foram muito especiais: Fátima, Juliana, Fernanda, Marta, Márcia, Gledson, Chico, Denise, Leonardo e a minha grande amiga Sandrinha, companheira de estudos, de longas conversas sobre a vida e também de cervejinhas.

A todos os meus professores, muito obrigada. Com certeza de cada um levarei bons ensinamentos, não necessariamente apenas o que estava na ementa da disciplina, pois convivendo com as pessoas sempre se leva um pouco mais do que isso.

Entre os professores, agradeço especialmente o meu orientador o Prof. Lauro Mattei, que muitas vezes insistiu dizendo que eu poderia fazer melhor e eram nestes momentos em que eu achava que não conseguiria, no entanto ele nunca disse que não chegaríamos até o

final, sempre tinha esperança nas suas orientações e claro muita paciência para que eu pudesse fazer as tarefas no meu tempo.

Também sou grata a todos os proprietários das fábricas de móveis que dispensaram um pouco do seu tempo para responder o questionário.

E finalmente agradeço a Deus, pois sem ele nada disso seria possível, nem mesmo eu estaria aqui.

ROSA, Eliane da. **Arranjos produtivos locais**: o caso da indústria moveleira de Palhoça (SC). Florianópolis, 2007, 53f. Monografia em Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

## RESUMO

Neste trabalho discutem-se as características da indústria moveleira de Palhoça. Nas últimas décadas aumentou a importância das empresas de pequeno e médio porte no desenvolvimento sócio-econômico do Estado de Santa Catarina. Apesar das vantagens que elas têm como flexibilidade e pouca hierarquia, as pequenas empresas apresentam algumas fragilidades com relação à restrição de crédito, pequena escala e acesso aos mercados. No entanto, estes entraves podem ser superados quando estão articuladas em torno de aglomerações produtivas. O arranjo produtivo moveleiro localizado no município de Palhoça é composto em quase sua totalidade por micro empresas que fabricam móveis de madeira, em sua maioria, sob medida. Dados do SEBRAE apontam que existem no município, aproximadamente 700 fábricas de móveis que empregam 3 (três) mil trabalhadores. Esta atividade industrial é responsável por cerca de 2,5% do valor agregado do Município. O estudo mostrou, também, que apenas 196 empresas trabalham de maneira formal. Para conhecer mais detalhadamente este setor industrial, foi realizada uma pesquisa de campo que apontou resultados preocupantes, uma vez que variáveis importantes como aprendizagem, processos de inovação, formas de cooperação e importância das instituições não são vistas como decisivas pelos atores entrevistados presentes no arranjo produtivo.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Número de empresas e empregados do setor moveleiro por unidade da Federação.....	<b>23</b>
<b>Tabela 2:</b> Crescimento populacional do Brasil, Santa Catarina e Palhoça – 1980 – 2000.....	<b>31</b>

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>VI</b>
------------------------------	-----------

### CAPÍTULO I

<b>1 O PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>10</b>
1.1 OBJETIVOS.....	11
<b>1.1.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>12</b>
1.2 METODOLOGIA.....	12
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	13

### CAPÍTULO II

<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS.....</b>	<b>14</b>
2.1 CONCEITOS E ELEMENTOS ENCONTRADOS EM ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS.....	14

### CAPÍTULO III

<b>3 A INDÚSTRIA MOVELEIRA NO BRASIL E EM SANTA CATARINA.....</b>	<b>21</b>
3.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A INDÚSTRIA NO BRASIL.....	22
3.2 A INDÚSTRIA MOVELEIRA EM SANTA CATARINA.....	24

### CAPÍTULO IV

<b>4 O MUNICÍPIO DE PALHOÇA E O SETOR DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS.....</b>	<b>28</b>
4.1 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO.....	28
4.2 ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS DO MUNICÍPIO.....	30
<b>4.2.1 Dados Sociais.....</b>	<b>31</b>
<b>4.2.2 Dados Econômicos.....</b>	<b>33</b>
4.3 A INDÚSTRIA DE MÓVEIS EM PALHOÇA.....	36



## CAPÍTULO V

<b>5 ESTUDO DE CASO DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DE PALHOÇA.....</b>	<b>38</b>
5.1 AS CARACATERÍSTICAS DAS EMPRESAS.....	38
5.2 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE MÓVEIS.....	40
5.3 MÃO-DE-OBRA.....	42
5.4 O MERCADO.....	44

## CAPÍTULO VI

<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>52</b>

## CAPÍTULO I

### **1 O PROBLEMA DE PESQUISA**

A indústria de móveis no Brasil vem apresentando um crescimento considerável nos últimos anos, chamando a atenção das autoridades governamentais, pois, além da geração de divisas, possibilita o aumento nos volumes exportados como também à criação de novos empregos.

A Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (ABIMÓVEL) estima que entre empresas formais e informais, existam atualmente no Brasil mais de 50 mil unidades produtoras de móveis. A maioria destas empresas, porém, é do tipo familiar tradicional e de capital inteiramente nacional (VALENÇA; PAMPLONA; SOUTO, 2002).

Os principais fatores que influenciaram positivamente o crescimento deste setor, mais precisamente na última década do século XX, foram a abertura econômica que trouxe algumas inovações e a ampliação do mercado interno, com a incorporação de novos consumidores, antes excluídos do mercado devido ao problema inflacionário. Além disso, o baixo custo da madeira reflorestada é outro fator que atua positivamente na competitividade do setor moveleiro. No entanto, nos últimos anos o mesmo vem enfrentando algumas dificuldades, especialmente com a concorrência dos produtos oriundos do exterior e o preço do dólar que torna os produtos brasileiros pouco competitivos no mercado externo.

As unidades industriais se concentram nas regiões sul e sudeste do Brasil e respondem por aproximadamente 90% da produção nacional, além de empregar mais de 70% da mão-de-obra total do setor (VALENÇA; PAMPLONA; SOUTO, 2002).

Em Santa Catarina o pólo moveleiro de maior destaque é o de São Bento do Sul cuja característica peculiar está no fato de que a maior parte da produção deste pólo destina-se às exportações. Há, contudo, outros pólos que vêm ganhando destaque em Santa Catarina, como os de Pinhalzinho, São Lourenço do Oeste e Coronel Freitas, na Região Oeste e o de Palhoça, na grande Florianópolis.

Neste trabalho será analisado o possível arranjo moveleiro existente no município de Palhoça. Segundo informações do Programa Sebrae de Desenvolvimento Regional (Proder – SEBRAE)<sup>1</sup>, existem cerca de 700 fábricas de móveis atuando na Palhoça. O que este estudo pretende analisar, à luz da teoria de Arranjos Produtivos Locais, é como estas firmas estão estruturadas e organizadas no referido município e qual o grau de interação entre elas na perspectiva da abordagem de APL's.

Santa Catarina tem também destaque no cenário nacional da indústria de móveis por ser, além de um dos maiores produtores, o estado que mais exporta. O arranjo produtivo constituído na Região do Alto Vale do Rio Negro onde se encontram os municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre é o mais conhecido e o que mais atua no mercado nacional e externo.

É importante salientar que este município (Palhoça) vem apresentando grande crescimento populacional nos últimos anos, bem como mudanças na sua estrutura produtiva e socioeconômica. Por exemplo, na década de 1970 mais de 60% da população estava domiciliada em áreas rurais, já no Censo Demográfico de 2000 a população urbana era superior de 95%. Com uma população urbana aumentando é comum que alguns problemas apareçam, como a necessidade de aumentar o número de empregos oferecidos.

O município tem como atividade principal os setores do comércio e serviços. A indústria tem participação secundária, porém recebendo atenção do governo local através de investimentos na infra-estrutura e incentivos fiscais.

Diante do exposto, é importante fazer um estudo sobre a indústria moveleira do município, uma vez que esta atividade absorve bastante mão-de-obra e ampliou sua importância dentro das atividades econômicas do Município.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

---

<sup>1</sup> Informações coletadas diretamente no SEBRAE – Agência Palhoça em 2006.

Caracterizar e analisar a dinâmica da indústria moveleira no município de Palhoça, a partir dos anos de 1990, usando a abordagem de Arranjo Produtivo Local (APL).

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- a) Fazer um breve panorama da indústria moveleira no país e no estado de Santa Catarina;
- b) Descrever a formação histórica e social de Palhoça, destacando os principais setores de atividade econômica e o papel da indústria moveleira no município;
- c) Discutir, à luz da teoria usada na revisão metodológica, a formação, dimensão e principais características de um possível arranjo produtivo moveleiro existente em Palhoça.

## **1.2 METODOLOGIA**

A revisão bibliográfica que compreende o estudo sobre Arranjos Produtivos Locais, está ancorada na pesquisa em livros e artigos especializados que tratam do assunto, bem como em informações de órgãos relacionados ao desenvolvimento regional, especialmente aqueles ligados ao setor de móveis.

Considerando o objetivo geral deste trabalho, busca-se identificar o quadro atual do setor industrial de móveis no município de Palhoça, com ênfase na organização das empresas que atuam no referido município.

A coleta de dados primários, que tem como objetivo conhecer a realidade da organização das indústrias estudadas, foi feita através de questionários semi-estruturados, aplicados pela autora no local de trabalho dos entrevistados.

Para este estudo foi feita uma amostra em dois bairros de Palhoça (Jardim Eldorado e Passa Vinte), os quais concentram a maioria das empresas do APL moveleiro, bem como as

empresas integrantes do Núcleo Moveleiro de Palhoça, uma vez que este é o grupo de pequenas empresas fabricantes de móveis mais organizado dentro do município.

Posteriormente, essas informações foram sistematizadas a partir dos pontos de interesse analítico e utilizadas para elaborar o capítulo final da monografia.

### 1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho dividi-se em 6 (seis) capítulos. No primeiro consta, além da introdução, os objetivos geral e específicos, a metodologia e a estrutura do trabalho.

O segundo capítulo apresenta a revisão bibliográfica sobre Arranjos Produtivos Locais (APL's), incluindo definição conceituais e principais características de APL's, com o objetivo de ilustrar teoricamente os elementos que estão sendo considerados neste estudo.

No terceiro capítulo faz-se um breve relato das principais características da indústria de móveis no país e no estado de Santa Catarina, destacando-se a importância econômica da mesma no setor industrial.

O quarto capítulo apresenta o município de Palhoça, descrevendo sua trajetória histórica e situação sócio-econômica atual, bem como a situação da indústria de móveis.

No quinto capítulo são discutidos e analisados os principais resultados das entrevistas feitas com agentes econômicos presentes no APL moveleiro.

Finalmente, no sexto capítulo são apresentadas as principais conclusões do trabalho, destacando os pontos positivos e os obstáculos do APL estudado.

## CAPÍTULO II

### **2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS**

Para melhor compreensão do estudo aqui apresentado é necessário descrever o que são Arranjos Produtivos Locais, seus componentes e elementos constitutivos e a importância deles no crescimento e desenvolvimento de uma região, já que este tem sido um assunto muito abordado atualmente pela literatura de economia regional e de geografia econômica.

Observando a incerteza na trajetória das grandes empresas, alguns pesquisadores começaram a estudar os casos de aglomerações produtivas e as vantagens obtidas a partir da proximidade territorial, temas que já tinham sido estudados por Marshall no século XIX na Inglaterra. Na atualidade outras categorias e nomenclaturas sobre os aglomerados foram aparecendo, como *cluster*, distrito industrial, ambiente inovador e arranjos produtivos locais. Essas novas categorias necessariamente não concorrem ou divergem entre si, mas representam as especificidades de cada tipo de aglomerado.

Neste trabalho será abordado especificamente os arranjos produtivos locais, pois são estes os casos mais encontrados no Brasil atualmente.

#### **2.1 CONCEITOS E ELEMENTOS ENCONTRADOS EM ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS**

De acordo com Amaral Filho (2005), os Arranjos Produtivos Locais podem ser definidos como sendo aglomerações geográficas de empresas especializadas em determinada produção que funcionam de maneira organizada ou coordenada. Sem esta organização não há propriamente um arranjo produtivo, mas simplesmente uma aglomeração física de empresas.

A noção de território é importante para a definição de Arranjo Produtivo Local, já que a aglomeração se dá em determinado espaço. Pode-se conceituar território como um

espaço definido e delimitado por e a partir de relações jurídicas, políticas ou econômicas, instituídas por conformações explícitas de poder. A idéia de território está sempre ligada como algo de domínio coletivo. Sendo assim, o território não se reduz a sua dimensão material ou concreta, um território pode ser definido de acordo com as relações históricas, políticas, socioeconômicas ou culturais. O APL é um território onde sua dimensão construtiva é econômica, mas não se restringe apenas a ela, as instituições de ensino, associações, bancos, empresas e entidades de apoio fazem parte desse território (SEBRAE, 2005).

O APL é um recorte feito em determinado espaço geográfico, que pode ser um bairro, município ou região e que possua determinadas características como: identidade coletiva; que tenha, ou seja, capaz de promover expectativas de desenvolvimento e que através de parcerias se estabeleçam compromissos para manter os investimentos de cada um dos atores promovendo a integração econômica no local.

É importante salientar que os APL's não necessariamente precisam estar organizados de maneira formal. A RedeSist defende que onde houver produção de qualquer bem ou serviço haverá sempre um arranjo em torno da mesma, envolvendo atividades e atores relacionados à aquisição de matérias-primas, máquinas e demais insumos. Tais arranjos variam desde os mais rudimentares a aqueles mais complexos e articulados (LASTRES; CASSIOLATO, 2007).

Ainda de acordo com Amaral Filho (2002), é comum que se encontre na formação dos APL's quatro elementos:

- Capital social: este é um bem intangível que se manifesta através das relações sociais existentes entre os indivíduos. A importância do capital social se verifica através do nível de confiança entre os agentes, pois é esta confiança que vai propiciar a formação de redes, associações e relações de cooperação;
- Estratégia coletiva de organização de produção: são as decisões tomadas de forma coletiva sobre a produção, isto é, o que e como produzir e também sobre quem vai produzir. São estas decisões coordenadas que vão dar competitividade às pequenas empresas;
- Estratégia coletiva de mercado: se existe uma estratégia coletiva de produção é necessário que o alcance do mercado também seja buscado de maneira coordenada;

- Articulação político institucional: está é derivada do capital social, pois quanto mais este for desenvolvido, maior é a possibilidade de buscar apoio junto às organizações públicas e privadas que dão suporte às MPE's (Micro e Pequenas Empresas).

Já, segundo Edquist (2001 *apud* VARGAS, 2002) os principais componentes que configuram um arranjo produtivo local são: as organizações e as instituições. A importância que estes dois componentes têm para definição de APL está relacionada ao fato delas representarem as fontes de recursos disponíveis em um sistema local, e porque suas interações determinam o processo de aprendizagem local.

De acordo com VARGAS (2002), as organizações, denominados de agentes que trabalham em diversas áreas do conhecimento, podem ser divididas em grandes grupos como: organizações produtivas, de ensino, financeiras, de infra-estrutura, de informações técnicas, de coordenação, de comércio externo e interno e órgãos públicos. Neste trabalho o destaque será dado às organizações produtivas que são, basicamente, as firmas que, independente do tipo de bens que produzem e seu porte (grande, média, pequena ou micro), são consideradas repositórios do conhecimento. Elas estão em constante interação, seja internamente ou inter-firmas. Devido à necessidade ou dependência de complementariedade para a sobrevivência ou perpetuidade no mercado, torna-se útil a formação de redes.

As instituições constituem as principais vias de acesso de interações entre os indivíduos. São elas que dão orientação para que possam ocorrer as interações de maneira menos conflituosa, reduzindo a desconfiança e a incerteza entre os agentes. As instituições estão em constantes mutações para que possam acompanhar o desenvolvimento e ainda assim atender as necessidades que as organizações precisam para se interagirem.

Conforme Vargas (2002) pode-se identificar as instituições que atuam no processo e constituições de arranjos produtivos locais, devido:

- À legislação vigente, que são regras formais obrigatórias a serem cumpridas pelos indivíduos ou agentes e também os incentivos públicos que na forma de lei são importantes para estimular as diversas atividades produtivas, educacionais e tecnológicas e um sistema local;
- Às marcas e patentes que são importantes para estimular as inovações, pois garantem apropriação dos benefícios para aqueles que às geraram;



- Os certificados que atestam a conformidade do produto de acordo com requisitos normativos. Especificamente para a indústria moveleira há grande preocupação com os certificados que atestem a produção de acordo com a legislação de meio ambiente;
- Às rotinas que são a habilidade, experiência, hábitos, tradições ou costumes estabelecidos basicamente pela repetição de ações dos agentes, que podem ser codificadas como normas, regras ou medidas padrões;
- Os mecanismos de financiamento que são instituições que provêm às empresas de recursos necessários na forma de empréstimos, linhas de crédito e outros;
- Às políticas públicas de Ciência e Tecnologia importantes para estimular as potencialidades locais;
- Às políticas públicas de suporte que não estão envolvidas diretamente na atividade produtiva, mas que facilitam e dão suporte para que as empresas possam trabalhar com mais qualidade. As principais são: a infra-estrutura de saneamento, segurança, saúde, educação, transporte.

Pode-se resumir dizendo que as instituições são as regras do jogo e as organizações os jogadores.

Outros elementos que constituem um arranjo produtivo local são: a inovação; os processos de aprendizado que geram conhecimento; a competitividade empresarial e a capacitação social (VILLASCHI FILHO; CAMPOS, 2002).

A capacidade de inovar está estreitamente ligada ao domínio que os agentes econômicos têm dos processos que utilizam. É o fator básico de competitividade econômica sustentável que associa as transformações ocorridas ao longo do tempo na economia e na sociedade. Mais recentemente pode-se dizer que a inovação se baseia nos avanços do conhecimento científico e tecnológico.

As inovações podem ser dos seguintes tipos:

- inovação radical: que é o desenvolvimento de um novo produto, processo ou transformação na organização da produção. Este tipo de inovação pode originar novas empresas, novos mercados ou setores. A introdução da máquina a vapor no século XVIII ou a da microeletrônica a partir de 1950 são exemplos de inovações radicais;

- inovação incremental: para este tipo de inovação são considerados os incrementos feitos nos produtos, processos ou forma de produção de forma que não altere a estrutura industrial, mas que leva a maior eficiência;

- inovação tecnológica: é a utilização do conhecimento absorvido com o passar do tempo, sobre novas formas de produzir e comercializar ou de novos meios de organizar a produção.

A inovação não precisa ser necessariamente algo novo. Uma empresa pode inovar sua produção ou organização produtiva, mesmo quando isso já tenha ocorrido para seus concorrentes.

Diante da importância crescente que a inovação tem na competitividade sustentável e diante dos resultados de estudos realizados sobre APL's nota-se, que a absorção de conhecimento é uma variável decisiva no cenário atual. Além disso, a interação entre os agentes componentes de um APL é vital para promover a geração, aquisição e difusão de conhecimento e inovações (LASTRES; CASSIOLATO, 2007).

O processo de aprendizado é essencial para que a inovação aconteça, bem como a capacitação para a inovação é importante para a perpetuação do aprendizado. No entanto, o aprendizado pode ser dado de maneira formal e informal. O primeiro é obtido em instituições de ensino e tem por objetivo a disseminação do conhecimento. Considera-se este conhecimento como sendo codificado, pois pode ser manipulado como informação e sua transmissão pode ser de maneira formal, mas a decodificação exige que os agentes tenham conhecimentos tácitos prévios.

Já o informal se baseia nas experiências adquiridas nas rotinas de trabalho (VILLASCHI FILHO; CAMPOS, 2002). É o que a literatura chama de conhecimento tácito, é o conhecimento que se encontra nas crenças, valores, e habilidades que os indivíduos ou organizações adquirem entre si e que passam de uma geração para outra.

Aprender para inovar implica na interação entre os diversos agentes e instituições envolvendo vários tipos de conhecimentos e onde, a própria inovação é condicionante deste processo.

A característica peculiar de APL's reside exatamente na interação que os agentes formadores do arranjo têm para disseminação do conhecimento e ampliação de sua competitividade.

A competitividade empresarial pode ser definida como sendo a capacidade que uma firma tem de programar estratégias que a mantenha no mercado ou amplie de maneira sustentada sua posição no mercado. É através da interação e, principalmente, da troca de conhecimentos que as empresas envolvidas num arranjo conseguem manter-se no mercado e serem mais competitivas. A cooperação e processos de aprendizagem entre os agentes são determinantes em arranjos produtivos, pois a competitividade não é mais baseada somente no preço, mas sim na capacidade que os agentes econômicos têm de criar e renovar vantagens competitivas.

A importância de ativos sociais aparece mais em épocas de mudanças. As inovações dos ativos sociais se dão principalmente na busca de maior interação inter e entre- firmas; no uso de novos serviços, como páginas na internet; inovações políticas, como comprometimento de geração de empregos e cooperações para o desenvolvimento regional; novas maneiras de atendimento ao consumidor, como tele atendimento; novos estilos de vida; e novas organizações e instituições. A falta de flexibilidade dos ativos sociais, justificada pelos custos que apresentariam no curto prazo, pode dificultar os ajustes necessários para o desenvolvimento.

Para as pequenas e médias empresas algumas barreiras seriam intransponíveis caso não se organizassem em cooperativas ou associações. A compra de novos equipamentos ou qualquer outro investimento necessário para melhorar o produto e concorrer no mercado pode significar um entrave quando buscar um financiamento, sendo difícil que um dono de pequena empresa tenha saldo em caixa suficiente para realizar os investimentos.

Na busca de vantagens competitivas suficientes para superar as dificuldades que as pequenas empresas passaram a enfrentar com a chegada da globalização, houve a necessidade de se reunir grupos de empresas para superar barreiras, como a escassez de recursos financeiros e tecnológicos e a entrada em determinados mercados, principalmente nos internacionais.

Assim, observa-se que nas últimas décadas as empresas de pequeno porte começaram a ganhar representatividade, principalmente devido à reestruturação produtiva, isto porque as grandes empresas, com suas estruturas verticalizadas, não conseguiam atender a uma demanda cada vez mais exigente e volátil.

Desta forma, a importância que têm as micros e pequenas empresas para países em desenvolvimento está relacionado a dois fatores: geração de renda e geração de emprego. Amaral Filho (2005) aponta esta importância apresentando números que demonstram o quanto as pequenas empresas representam para a economia brasileira

As principais fontes estatísticas brasileiras, IBG/MTr/SEBRAE, indicam que 98% das 4,7 milhões de empresas registradas são micro e pequenas empresas; 59% da população economicamente ativa (PEA) são absorvida por esse segmento; 48% da produção nacional são geradas pelas pequenas empresas e 21% do PIB são produzidos pelas MPME's . (AMARAL FILHO, 2007, p. 13).

Existem alguns critérios para se classificar as empresas em micros, pequenas e médias empresas. No Brasil a classificação mais usada é a do SEBRAE, que considera o número de empregados das empresas. De acordo com este critério é considerada micro-empresa aquela que tenha entre zero e 19 funcionários, pequena entre 20 e 99 funcionários e média entre 100 e 499 funcionários.

Outro critério que pode ser utilizado é através da receita bruta anual. Este critério tem sido cada vez mais usado porque a classificação pelo número de empregados pode mascarar o tamanho da empresa, principalmente pelo uso mais frequente de tecnologia que pode afetar a relação capital/trabalho. De acordo com o Estatuto das Micros e Pequenas Empresas são consideradas micros aquelas com receita bruta anual até R\$ 244.000,00 e empresas de pequeno porte aquelas com receita maior que R\$ 244.000,00 até R\$1.200.000,00 (SEBRAE, 2005).

## CAPÍTULO III

### **3 A INDÚSTRIA MOVELEIRA NO BRASIL E EM SANTA CATARINA**

A indústria de móveis sofreu grandes transformações nas últimas décadas com elevado ganhos de produtividade, principalmente devido ao uso de equipamentos eletrônicos na produção e também ao uso cada vez mais crescente de novas matérias-primas, como a madeira de *pínus* e eucaliptos oriundas de reflorestamento.

Esta busca por tipos diferentes de madeira ocorreu devido à escassez da madeira do tipo “nobre”, além de que sua extração é controlada por órgãos governamentais preocupados em manter o equilíbrio no meio ambiente.

A produção mundial de móveis está estimada em 200 bilhões de dólares, sendo que destes 79% pertencem à produção dos países desenvolvidos. Assim, Estados Unidos, Itália, Japão, Alemanha, Canadá, França e Reino Unido representam 64% da produção mundial de móveis. China, México e Polônia começaram a ganhar importância com investimentos em novas plantas industriais, especialmente projetadas para exportações (VALENÇA; PAMPLONA; SOUTO, 2002).

Apesar de ter um bom potencial (disponibilidade de matéria-prima, produção industrial e mão-de-obra abundante) o Brasil está longe de ter um bom desempenho no mercado internacional, pois sua participação não atinge 2% no mercado mundial de móveis.

Na presente década, a China surge como a grande novidade no mercado mundial de móveis, passando a ser o maior exportador, superando a Itália, país que historicamente sempre foi o maior vendedor de móveis. O grande sucesso da China está ancorado na produção em grandes volumes, baixos custos de produção (economias de escala) e pouca qualidade ou inovação (FONSECA, 2006 *apud* MOVELARIA, 2006).

O mercado brasileiro vem sentindo os efeitos causados pela alta concorrência com o mercado chinês. Além disso, a baixa do dólar e outros fatores conjunturais como taxas de

juros, carga tributária e logística inadequada também são prejudiciais para as empresas de menor porte.

### 3.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A INDÚSTRIA DE MÓVEIS NO BRASIL

Segundo Santi (2000 *apud* SILVA; SANTOS, 2006), a indústria de móveis no Brasil surgiu por volta de 1875 pela produção de artesãos, sendo que a maioria destes eram de origem italiana. Estas empresas, que na verdade funcionavam como pequenas oficinas de produção artesanal tinham uma estrutura familiar e foram impulsionadas pelo grande aumento de fluxo imigratório no final do século XIX e início do século XX.

Até 1936 a produção de móveis era de madeira maciça e o que determinava a produção era a demanda, pois quase toda ela era sob medida e o mercado atendia somente consumidores brasileiros. A partir desta data houve avanços na indústria moveleira do país, mas foi somente na década de 1950 que começaram a se consolidar os primeiros pólos moveleiros.

Atualmente este setor se encontra disperso em todo território nacional, mas concentrando-se mais nas Regiões Sul e Sudeste, onde os pólos de maior destaque são: Grande São Paulo, Votuporanga (SP), Bento Gonçalves (RS), São Bento do Sul (SC), Araçatuba (PR), Ubá (MG) e Linhares (ES).

A Tabela 1 apresenta as informações das empresas associadas à Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (ABIMÓVEL), ficando bem visível à distribuição nacional das empresas, bem como o número de trabalhadores empregados em cada unidade da federação.

**Tabela 1:** Número de empresas e empregados do setor moveleiro por unidade da Federação

<b>UNIDADE DA FEDERAÇÃO</b>	<b>Nº. ESTAB</b>	<b>Nº. TRAB</b>
Rondônia	128	833
Acare	43	205
Amazonas	40	460
Roraima	10	58
Pará	109	1.699
Amapá	17	78
Tocantins	36	197
Maranhão	81	1.481
Piauí	63	990
Ceará	328	4.126
Rio Grande do Norte	127	943
Paraíba	87	658
Pernambuco	298	3.287
Alagoas	62	734
Sergipe	76	654
Bahia	355	4.816
Minas Gerais	2.126	24.717
Espírito Santo	313	5.402
Rio de Janeiro	583	5.367
São Paulo	3.754	48.462
Paraná	2.133	29.079
Santa Catarina	2.020	32.273
Rio Grande do Sul	2.443	33.479
Mato Grosso do Sul	131	602
Mato Grosso	235	1.648
Goiás	398	3.334
Distrito Federal	108	770
<b>Total</b>	<b>16.104</b>	<b>206.352</b>

Fonte: ABIMÓVEL, 2006

Fica evidente, também, que existe uma concentração na Região Centro-Sul do Brasil, a qual é responsável por aproximadamente 90% da produção nacional e por empregar mais de 80% da mão-de-obra alocada no setor. Somente os Estados de Minas Gerais, São Paulo,

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, concentram mais de 77% do número de estabelecimentos do país, bem como alocam 81% da mão-de-obra do setor.

A ABIMÓVEL (2006) estima que atualmente existam 50 mil empresas com registro atuando na produção de móveis no Brasil, sendo que mais de 90% destas são microempresas.

O mercado interno é quase que totalmente suprido pela produção nacional, apenas 2,6% foi importado em 2004. Os estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul são responsáveis pelo atendimento do mercado em aproximadamente 90%.

Em 2003, quando as exportações foram de US\$ 661.556.905,00, Santa Catarina foi responsável por 50% deste total. A maior parte das exportações é constituída de móveis de madeira e a categoria que mais se destaca é representada pelos móveis residenciais (cozinhas e dormitórios), seguido por assentos, cadeiras e móveis de metal e plástico.

Um dos maiores desafios da indústria moveleira do Brasil está relacionado à elaboração de *design*, pois não possui uma identidade nacional. Segundo Denk (2000) as indústrias, entidades patrimoniais, centros tecnológicos e governo estão intensificando iniciativas para superar este problema. Ainda de acordo com Denk:

[...] a expansão e desenvolvimento da indústria moveleira deverá ocorrer, especialmente no segmento de móveis de madeira reflorestada, por ser maioria na exportação, apresentar aumento no consumo nacional, pela disponibilidade de matéria-prima e recente consolidação dos centros tecnológicos. (DENK, 2000, p. 62).

### 3.2 A INDÚSTRIA MOVELEIRA EM SANTA CATARINA

Como o objetivo deste estudo é direcionado à indústria moveleira de Palhoça, é importante que se faça uma pequena ilustração de como surgiu esta indústria no estado de Santa Catarina, mesmo que os estudos sobre este ramo industrial existentes sejam feitos apenas em aglomerados produtivos.

O Estado tem como grande vantagem o rápido crescimento da madeira de eucalipto e *pínus*, espécies que cada vez mais vêm sendo usadas na produção de móveis e artefatos.

Santa Catarina se destaca em âmbito nacional e internacional, principalmente através do arranjo produtivo de móveis localizado na Região Nordeste do Estado, denominado Alto



Vale do Rio Negro, sendo que os municípios que compõem este arranjo são: Rio Negrinho, São Bento do Sul e Campo Alegre.

De acordo com Denk e Cario (2004), o início das atividades envolvendo madeira começou com a chegada dos colonizadores vindos, principalmente, da Alemanha, Polônia e Áustria.

Aliando à extração da madeira (atividade típica da colonização), bem como sua comercialização e a necessidade de transporte para a produção de erva-mate da região que se destinava ao estado do Paraná, começaram surgir as primeiras marcenarias que produziam as carroças usadas para escoamento da produção.

Segundo Kaesemodel (1990 *apud* DENK; CARIO, 2004), o acúmulo de rejeitos nas madeireiras era tanto que induziu os proprietários ao aproveitamento dos mesmos, produzindo desde utensílios de madeira, bem como móveis em geral. Estas pequenas firmas foram crescendo com o passar do tempo e a região passou a ser importante para o abastecimento de móveis, do tipo colonial no país.

A preocupação ecológica, relativa à extração de madeiras do tipo nobre, exigiu mudanças na produção de móveis inserindo diferentes tipos de matéria-prima, como aglomerados, *medium density fiberboard* (MDF) e madeiras provenientes de reflorestamento, como *pínus* e eucalipto.

Devido aos problemas econômicos enfrentados pelo Brasil até o final dos anos 1980 como a inflação alta e instabilidade do mercado que causou a queda do poder aquisitivo dos brasileiros, a produção de móveis do arranjo do Alto Vale do Rio Negro buscou o mercado externo. Atualmente o pólo de São Bento do Sul apresenta duas características que o diferenciam dos demais no Brasil. A primeira porque possui um número elevado de médias empresas e, segundo, porque aproximadamente 80% do que é produzido neste pólo tem como destino o mercado externo.

Foi a partir dos anos de 1990 que passou a se consolidar o arranjo produtivo da região. Nessa mesma década começa a aparecer o apoio na área de infra-estrutura para a consolidação do arranjo. A criação do primeiro curso superior em Tecnologia Mecânica em Móveis ocorreu em 1994, numa parceria entre a Fundação, Tecnologia e Pesquisa – FETEP e a Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Já na segunda metade da década é construído um pavilhão com 15.500 m<sup>2</sup> que abriga grandes feiras e eventos nacionais e

internacionais. Outras associações e sindicatos surgiram com o intuito de apoiar e contribuir para o desenvolvimento das empresas.

Segundo Denk (2000) o arranjo é composto por 250 empresas que empregam aproximadamente 11.000 trabalhadores, direta e indiretamente, com faturamento anual em torno de R\$ 450.000,00. É responsável por 80% da produção do Estado e mais de 50% de sua produção é exportada.

A partir da década de noventa começa a se consolidar o novo arranjo produtivo de móveis na Região Oeste do Estado composto por 293 empresas, que são divididas em 234 micro-empresas, 56 pequenas e 03 médias empresas, sendo que os municípios que concentram mais de 70% da produção são: Chapecó, Coronel Freitas, Nova Erechim, São Lourenço do Oeste, Modelo, Maravilha, São José do Cedro, São Miguel D'Oeste e Pinhalzinho (GEREMIA, 2004).

Não muito diferente do que ocorreu na Região Norte do Estado, a indústria moveleira do Oeste de Santa Catarina surge com a extração da madeira, principalmente quando se deu o início da Estrada de Ferro São Paulo/Rio Grande.

Até a década de 1960 a indústria atendia a demanda local e a produção era definida como sob encomenda. Nos anos de 1970 as unidades que conseguiram acumular capital e conhecimento técnico suficiente passaram a produzir de forma seriada e em condições de competir com empresas de outros lugares.

A partir da segunda metade da década de 1980 o número de empresas nesta região cresceu significativamente. A indução deste crescimento está relacionado a três fatores: primeiro a uma demanda local que tinha sido deixada de ser atendida quando da inserção das empresas no mercado nacional; segundo porque o Plano Real trouxe estabilidade econômica e suscitou a entrada de novas empresas no mercado; e terceiro porque neste período boa parte da produção nacional, principalmente os grandes pólos moveleiros estava voltada para o mercado externo abrindo espaço para o surgimento de novas empresas que atendessem o mercado nacional.

O surgimento de um novo pólo na Região Oeste do estado também coincide com as mudanças ocorridas na população a partir dos anos de 1990. Houve uma redução na população rural e a taxa de crescimento da população urbana da região é maior que a do estado.

A mudança do ambiente rural para o urbano exigiu das pessoas mudanças de hábitos e necessidades de adaptações, como por exemplo, a aquisição de móveis que se adaptasse melhor à nova moradia urbana, ampliando-se, portanto, o mercado local.

Desde 2002 quando o SEBRAE e outras instituições iniciaram o projeto de apoio para este APL, as empresas começaram a trabalhar com a intenção de aumentar seu mercado e buscar também o mercado externo. Diferentemente dos problemas enfrentados pelo APL do nordeste do Estado com a queda do dólar, o arranjo do Oeste se inseriu no mercado externo já dentro desta nova realidade.

Entre 2003 e 2004 as exportações foram superiores a 10 milhões de dólares, um aumento de 75% comparado com o período anterior. Entre 2004 e 2005 houve um aumento de 40% e entre 2005 e 2006 aumentou 25% com relação ao período anterior. Percebe-se assim, que o arranjo vem alcançando seus objetivos (BRITO, 2007).

Nos dois casos estudados de arranjos produtivos em Santa Catarina, a conclusão foi de que há pouca interação entre os agentes. Mesmo no caso do arranjo do Alto Vale do Rio Negro, onde já existem instituições voltadas para o desenvolvimento do arranjo, a interação ainda é incipiente.

Já na Região Oeste quase não existem associações ou instituições que trabalhem para a promoção e desenvolvimento do arranjo produtivo. Neste caso, as informações são buscadas através de eventos e feiras, que ocorrem em outros locais.

Apesar dos problemas que vêm passando esses arranjos produtivos, a indústria moveleira de Santa Catarina tem destaque em âmbito nacional e vem ganhando mais espaço, com o aumento das exportações oriundas, sobretudo do APL do Oeste.

## CAPÍTULO IV

### **4 O MUNICÍPIO DE PALHOÇA E O SETOR DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS**

O município de Palhoça passou por várias fases desde a sua criação, mas foi somente nas duas últimas décadas que ocorreram grandes transformações.

Sua população praticamente dobrou entre as décadas de 1990 e 2000, porém o crescimento demográfico rápido trouxe diversos problemas sociais e de infra-estrutura que as administrações municipais não conseguem resolver isoladamente.

#### **4.1 BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO**

A história do município de Palhoça começa com a história do Brasil. De acordo com levantamentos históricos, até 1651 acreditava-se que o local era habitado por indígenas. Bem de frente a Ilha de Santa Catarina, na época chamada de Desterro, encontrava-se os Carijós, do grupo Tupi-guarani, mais no interior os Xoklengues e os Kaigangues (PALHOÇA, 2006).

Em 1651 Dias Velho chegou a Ilha de Santa Catarina, a qual deu o nome de Desterro. Neste mesmo ano algumas famílias vindas de São Vicente (São Paulo) estabeleceram-se na Enseada (atualmente Enseada do Brito, distrito de Palhoça) e em 1771 portugueses também vindos de São Vicente (São Paulo) fundaram Lages. Logo surgiu a necessidade de se fazer uma estrada que ligasse essas duas cidades: Lages e Desterro.

De acordo com Silveira (1999), depois da invasão dos espanhóis, em 1777, o então Governador de Desterro, João Alberto de Miranda Ribeiro, decidiu estabelecer medidas de segurança, destacando-se a manutenção no continente de pessoas e locais seguros que fossem capazes de suprir as necessidades no caso de novos ataques. Assim, decidiu instalar povoamentos de frente à capital, além de povoar às margens da estrada que levava a Lages, o

que garantiria a circulação de suprimentos, visto que esta já era responsável por boa parte do abastecimento da capital.

Em 31 de julho de 1793 o Governador solicita ao Vice-rei do Brasil que Caetano Silveira de Mattos, já estabelecido no sertão de Terra Firme (como se chamava inicialmente Palhoça), fosse promovido ao posto de Capitão da Companhia de Infantaria. Esta data, apesar da contestação de alguns historiadores, é considerada como o marco inicial do município.

O nome do município tem origem nas casas construídas de pau-a-pique com cobertura de palha e que no ofício do Governador ao Vice-Rei, quando descreveu onde estava estabelecido, Caetano Silveira de Mattos fazia menção a tais construções, denominando-as de palhoça.

Além dos galpões cobertos de palha, que serviam para armazenamento de farinha e outros mantimentos, também foram construídos outros galpões no mesmo estilo que eram ocupados para guardar as canoas e outros apetrechos dos pescadores.

Inicialmente só passavam pela Palhoça aqueles que subiam a serra e procuravam o caminho beirando o mar (Enseada de Brito) ou pelo Passa Vinte, pois o local onde é o centro do município atualmente era evitado por seus atoleiros. Com o crescimento de Desterro e, conseqüentemente, o aumento da demanda por alimentos que vinham do continente e da serra, construiu-se uma estrada que passava pelo atoleiro, suscitando a povoação às margens desta rodovia, onde mais tarde viria a ser o centro de Palhoça.

Por mais de meio século o lugar ficou esquecido, como desejava o Governador da época João Alberto de Miranda Ribeiro, pois nos ranchos construídos à beira-mar estavam escondidas armas e uma boa quantidade de munição, uma reserva estratégica para o caso de tentativas de invasão.

Da data de sua fundação até 1833 Palhoça pertencia a Desterro. Entre 1833 e 1894 passou a pertencer a São José. Em 1894, quando se emancipou, Palhoça tinha um território de 3.180 quilômetros quadrados. A partir de 1922 começou a perder território com a emancipação de outros municípios como: Santo Amaro da Imperatriz, Garopaba, Paulo Lopes, Rancho Queimado e São Bonifácio.

De acordo com Silveira (1999), desde a fundação do município até os dias atuais, Palhoça passou por vários períodos históricos: o primeiro período compreendido entre 1793 a 1882, foi denominado pelo autor de Agrícola-Pescador. Neste período os povoados se

concentravam mais na orla marítima e a economia era baseada na pesca e na fabricação da farinha de mandioca. Porém, já neste mesmo período iniciou-se a busca por terras mais férteis e os colonizadores iniciaram a entrada para o sertão. O transporte era realizado pelo mar e pelos rios.

O segundo período, que se iniciou por volta de 1882, pode-se chamar de Período dos Transportes. Neste período Desterro começou a crescer e demandava grandes quantidades de suprimentos. Como Palhoça já tinha bem desenvolvida a lavoura e a pecuária, assim como a produção de telhas e tijolos, conseguia suprir parte destas necessidades. Mas, sua maior força era a localização: entre Desterro e o interior do Estado. Como na época todo o trânsito entre a ilha e o continente era feito pelo mar, em Palhoça se desenvolveu o transporte através da formação de várias firmas com frotas de barcos de transportes. Este período foi de grande prosperidade vindo a culminar com a emancipação em 1894.

Com a construção da Ponte Hercílio Luz em 1926, iniciou o terceiro período conhecido como o Período de Decadência, pois a construção da ponte ligando a ilha ao continente levou à falência as firmas de transportes estabelecidas em Palhoça e grande parte da população saiu da cidade procurando lugares com maior progresso. O enfraquecimento econômico passou, também, a ser político e nesta época Palhoça começou a perder território.

O quarto período que é o da Retomada do Desenvolvimento, iniciou na década de 1970. Os fatores que influenciaram essa retomada foram: a construção da BR-101, a formação de vários conjuntos habitacionais, a implantação do Distrito Industrial e o aumento populacional por consequência da migração.

#### 4.2 ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS DO MUNICÍPIO

As informações a seguir servem para ilustrar a situação atual do município. Essas informações foram colhidas na Prefeitura Municipal, Secretaria de Estado de Desenvolvimento de Santa Catarina, Ministério do Trabalho e Emprego e no IBGE. É importante salientar aqui que nem todos os dados são do mesmo período.

### 4.2.1 Dados Sociais

Palhoça passou por uma grande mudança nos últimos anos. No início da década de 1970 tinha aproximadamente 20 mil habitantes. De acordo com o IBGE<sup>2</sup> em 1980 a população era de 38.023 habitantes e em 2000, essa já tinha passado para 102.742 habitantes.

Através da tabela abaixo, pode-se comparar o crescimento populacional de Palhoça, com o crescimento do Estado e do Brasil:

**Tabela 2:** Crescimento populacional do Brasil, Santa Catarina e Palhoça – 1980 – 2000.

Ano / Local	1980	1991	2000
Brasil	119.011.052	146.825.475	169.799.170
Santa Catarina	3.628.292	4.541.994	5.356.360
Palhoça	38.023	68.430	102.742

Fonte: Elaboração própria, utilizando dados do IBGE, 2006.

Assim, pode-se observar que enquanto o Brasil e Santa Catarina tiveram um crescimento percentual de sua população de aproximadamente 42% e 47%, Palhoça cresceu 170%. Na década de 1990 foi um dos municípios com maior crescimento populacional do país, quando praticamente dobrou seu tamanho populacional.

Também é significativa a mudança entre as populações urbana e rural. Até a década de 1970, 69% da população ainda morava no campo e o município dependia da produção primária. Mas, já naquela década a cidade começou a se desenvolver, sendo que atualmente é um importante pólo comercial e industrial da Grande Florianópolis. Sua população rural representa pouco mais de 4% do total do município.

Palhoça tem um território de 395 km<sup>2</sup> e a população projetada pelo IBGE para 2005 é de 124.239 habitantes. Atualmente o governo municipal trabalha com a população estimada em 130 mil habitantes.

De acordo com o Censo Populacional do IBGE de 2000, 95,3% da população residia em área urbana do município. Percebe-se assim, que num período relativamente curto de

<sup>2</sup> Dados fornecidos pelo IBGE através do site <http://www.ibge.gov.br>.

tempo (30 anos), houve uma mudança muito grande no município. A taxa de urbanização de Palhoça é bem maior que a do estado. A taxa anual de crescimento da população 2000/1991 é de 4,66%, bem acima da taxa estadual que é de 1,87%. A densidade demográfica do estado de Santa Catarina é de 56 habitantes por km<sup>2</sup>, enquanto que em Palhoça esta taxa é de 260 habitantes por km<sup>2</sup>.

O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano passou de 0,442, em 1970, para 0,816, em 2000. O bom desempenho apresentado está ligado à melhoria da renda, o que normalmente acontece com a mudança da vida rural para a urbana e, portanto, as pessoas passam a ter salários fixos. Melhorias na educação e na longevidade – uma tendência global - também influenciaram positivamente no aumento do índice.

O PIB *per capita* aumentou 22% entre 1998 e 2004, em valores reais. No entanto, em 1994 o município estava em 187º lugar e em 2004 caiu para 279º. Palhoça está bem abaixo da média do PIB *per capita* do Estado que é de R\$ 11.377,00.

O número de consumidores de energia elétrica teve um aumento de 60,7% entre os anos de 1996 e 2005. Se bem que este número pode estar longe da realidade, pois o município carece de infra-estrutura em vários bairros e muitas ligações elétricas são clandestinas, os chamados “gatos”.

O abastecimento de água ainda não é satisfatório. De acordo com declarações da Administração Pública Municipal, existem aproximadamente 30 mil habitantes que ainda não se beneficiam deste serviço. Também é precário o atendimento da rede esgoto, menos de 1% da população é atendida (PALHOÇA (SC), 2007).

Com relação ao atendimento à saúde, não existe nenhum hospital público no município, são apenas 16 postos de saúde que atendem das 8h às 17h e existem algumas clínicas particulares. Para melhorar esse quadro deficitário a Prefeitura Municipal tem um projeto de um posto itinerante, que deverá funcionar num ônibus, com consultório médico e odontológico, além de um cesta de medicamento, de maneira que possa atender as populações de bairros mais distantes que ainda não dispõem de postos de saúde.

Em 2004 estavam matriculados 36.290 alunos na rede de ensino do município. No ensino fundamental 21.306, distribuídos em 19 escolas públicas estaduais, 28 municipais e 9 privadas. No ensino médio eram 5.442 alunos matriculados em 6 escolas públicas estaduais e



5 privadas. No pré-escolar se concentrava o maior número de estabelecimentos (59), sendo 10 públicos estaduais, 26 municipais e 23 privadas, que atendiam 3.145 crianças.

Com relação aos alunos matriculados em curso superior, em 2004 eram 6.397, atendidos por uma instituição privada a UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina, que iniciou suas atividades no município em 1996, inaugurando o Campus Pedra Branca em 1998. Atualmente são oferecidos 32 cursos de graduação, 10 de extensão, 8 seqüenciais e 10 de pós-graduação, destes 8 são de especialização e 2 de mestrado.

Em abril de 2006 foi inaugurada a Faculdade Municipal de Palhoça, oferecendo 80 vagas divididas em dois cursos, 40 para a Pedagogia e 40 para Administração. Destas vagas, 80% são destinadas às pessoas residentes no município, tendo como objetivo oferecer ensino gratuito para os cidadãos de Palhoça (FACULDADE MUNICIPAL DE PALHOÇA, 2007).

#### **4.2.2 Dados Econômicos**

Palhoça tem apresentado, nos últimos anos, um bom desempenho no crescimento industrial. A localização geográfica do município é um dos principais fatores que influenciam este crescimento, pois se situa perto da Capital Estadual e junto a duas importantes rodovias federais (BR-101 e BR-282), além de estar próxima dos portos de Imbituba e Itajaí.

Em pouco mais de duas décadas mudou completamente seu perfil econômico. Até meados da década de 1970 a economia era comandada pela produção primária. Atualmente o comércio do município é bem desenvolvido, sendo o setor mais importante para a economia municipal. A indústria de transformação ganhou espaço importante e através de incentivos fiscais o poder público municipal tem atraído à instalação de várias empresas.

No setor primário, os poucos habitantes que ainda se dedicam à terra ou à criação de animais têm buscado melhorar o baixo desempenho do município nesta área. Se comparado com outros municípios da Grande Florianópolis, a produção de Palhoça é inferior em quase todos os produtos. Na área agrícola os melhores desempenhos estão na cultura do tomate e da banana.

Com a inclusão do Município no Programa de Execução Descentralizada (PED) do governo federal, foi construído um centro de unidade de processamento de moluscos com recursos do Banco Mundial. O beneficiamento ocorreu de forma imediata após a instalação da empresa Gel Moor/M.M. Alimentação Industrial, usando tecnologia francesa o produto final está chegando ao consumidor em pacotes de meio quilo, fechados a vácuo.

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, em 2005 o número de empregos formais na agropecuária era de 146, destes, 105 do sexo masculino e 41 do feminino e a renda média girava em torno de R\$ 630,29.

O setor terciário é o mais importante para a economia do município. Em 2003 eram 964 estabelecimentos comerciais, que empregavam 2.220 pessoas. É provável que o número de empresas do setor tenha tido um aumento considerável, pois os números mais atuais de empregos de 2005 apontam que o número de trabalhadores apenas ligados ao comércio já chegava em 4.015 pessoas e 3.708 em atividades de serviços. O salário médio para o comércio é de R\$ 683,05 e para os de serviços R\$ 695,85 (SANTA CATARINA, 2007).

Para quem acompanha o desenvolvimento do município é bem visível o crescimento deste setor. Existe também uma campanha feita pela Prefeitura Municipal solicitando para que os moradores valorizem o comércio local. Assim, é bem comum ver um carro de som fazendo este tipo de apelo pelas ruas da cidade.

O crescimento industrial do município nos últimos anos também tem apresentando um grande avanço. A facilidade para o escoamento da produção e os incentivos fiscais são sem dúvida, fatores que influenciam este crescimento.

Segundo a Secretaria de Estado e Planejamento, em 2003 existiam 279 estabelecimentos industriais, sendo que em 1996 eram apenas 194 empresas (SANTA CATARINA, 2007). Com isso se constata que o aumento foi de 44% no número de estabelecimentos. Deve-se considerar que estes dados são relativos a empresas formais, no entanto, sabe-se que muitas empresas trabalham na informalidade.

O mercado de trabalho também cresceu nos últimos anos. Em 2005 já existiam 3.110 pessoas trabalhando na indústria de transformação, um aumento de mais ou menos 50%, pois em 2003 era apenas 2.072 o número de trabalhadores neste setor. Em 2005 o salário médio era de R\$ 732,13. Dentro da indústria de transformação destacam-se a fabricação de móveis e de cerâmica.

A construção civil também tem boa representatividade com relação ao número de empregos. Em 2005 estavam trabalhando neste ramo 2.309 pessoas, porém são os trabalhadores com o menor salário, em média de R\$ 529,67.

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego o número de empregos formais no Município em 2005 era de 15.452. Para uma população de aproximadamente 120 mil habitantes é relativamente pouco (BRASIL, 2006). No entanto, é bom lembrar que Palhoça até poucos anos atrás era considerada uma cidade dormitório, onde a maioria de sua população trabalhava em municípios da região Metropolitana de Florianópolis.

O Produto Interno Bruto – PIB aumentou, em valores nominais, mais de 250% entre 1996 e 2004. Considerando apenas os anos iniciais dessa década (2000 a 2004) o PIB passou de 418,82 milhões para 577,46 milhões de reais, representando um crescimento de 38%.

O Valor Adicionado Fiscal – VAF, de Palhoça cresceu 71,3% entre os anos de 1998 e 2004. Contribuíram para este resultado o crescimento VAF da agropecuária que no início era de 14,30 milhões e passou para 28,59 milhões (quase 100%), seguido pelo aumento apresentando pelo setor de comércio e serviços que foi de 72% e, por último, o aumento da indústria que foi de 67% (PALHOÇA (SC), 2007).

A arrecadação de ICMS também comprova o crescimento econômico de Palhoça. Em 1995 foram arrecadados R\$ 3.890.686,00 e em 2005 a arrecadação passou para R\$ 9.907.294,00 (SANTA CATARINA, 2007).

Acompanhando o crescimento do município, os pedidos de licença para construir aumentaram consideravelmente entre 1995 e 2005. Em 1995 foram solicitadas 196 licenças para construção e a área construída neste ano era de 48.665,75 m<sup>2</sup>, já em 2005 foram 620 licenças e a área construída era de 159.175,40 m<sup>2</sup>, um aumento significativo de mais de 200% tanto nas licenças quanto na área construída.

O município vem investido bastante na melhoria da infra-estrutura, na abertura de novas áreas para a instalação de indústria e incentivando o comércio local.

Palhoça também luta para tornar-se um atrativo turístico. Tem várias praias e a maioria delas livre de poluição. Também, dentro de seu território encontra-se o Parque Florestal da Serra do Tabuleiro com grande riqueza de flora e fauna, além de um zoológico com algumas espécies raras da região, mas esta área de preservação ecológica ainda carece de infra-estrutura.

#### 4.3 A INDÚSTRIA DE MÓVEIS EM PALHOÇA

O objetivo deste estudo é conhecer melhor a indústria moveleira de Palhoça. No entanto, é importante salientar que não foi encontrado nenhum estudo com o levantamento histórico da indústria moveleira do município, apenas alguns dados apontam que as atividades industriais do município começaram a se desenvolver na década de 1970. Como foi visto anteriormente, esta década é da retomada do crescimento de Palhoça, mas o crescimento mais importante iniciou na década de 1980.

É justamente no final da década de 1980, que se instalaram importantes empresas de móveis no município, a unidade de produção da Demetri Indústria de Móveis Ltda. (Formaplas) e a Formanova Indústria e Comércio de Móveis Ltda. Estas duas empresas têm em média 80 funcionários e parte da produção é destinada à exportação.

Alguns estudos de caso de Arranjos Produtivos Locais demonstram que a instalação de empresas de porte maior e com boa qualidade de produção induz a abertura de outras empresas. Este pode ser também o caso da indústria de móveis de Palhoça, ou apenas uma coincidência, pois devemos considerar que o mercado estava aumentando e que existem poucas barreiras para a entrada de uma nova empresa deste ramo no mercado.

Pela falta de informações atualizadas, será utilizado neste trabalho um levantamento feito em 2002 pelo Programa de Desenvolvimento Regional do SEBRAE, o qual apontava que havia 196 empresas trabalhando de maneira formal na fabricação de móveis, as quais juntas empregavam 690 trabalhadores.

Neste mesmo estudo, o SEBRAE - Agência de Palhoça afirma que existem no município aproximadamente 700 empresas atuando no setor de móveis. Admitindo-se, portanto, que mais ou menos 500 empresas estejam trabalhando na informalidade e que este universo de empresas emprega aproximadamente 3 mil trabalhadores.

O mesmo estudo do SEBRAE apontou que a comercialização dos móveis fabricados ocorria praticamente na Região da Grande Florianópolis e que estas empresas tinham seus concorrentes oriundos de outras regiões do estado.

Os ramos fabricação de móveis e fabricação de produtos de madeiras em geral geram 3,33% do valor adicionado do município, mas a participação do primeiro grupo é 76,70%

deste valor, portanto 2,55% VAF pertence à fabricação de móveis. Como não existem dados atuais, este percentual para o ramo como um todo, representava R\$14.358 milhões de valor adicionado gerado pela indústria de móveis.

O mesmo levantamento apontou alguns problemas, destacando-se a carência de mão-de-obra qualificada, baixa qualidade na gestão empresarial e pouco investimento em tecnologia.

É um segmento da indústria que chama atenção no município, principalmente pelo número elevado de fábricas instaladas e pela possibilidade de estar se formando um novo pólo moveleiro no Estado.

Em 2004 constituiu-se o núcleo de empresas moveleiras de Palhoça. As empresas participantes deste núcleo discutem problemas comuns, planejam e implementam soluções, permitindo assim reverter para seus clientes maior segurança e qualidade nos serviços oferecidos.

Em dezembro de 2005 o Núcleo Moveleiro ganhou força e com o aumento da demanda resolveu montar um escritório e um *show room*, que passou a funcionar da seguinte maneira: os serviços são cotizados para cada empresa integrante do núcleo, cada pedido feito diretamente ao Núcleo é dividido entre seus integrantes. A quota estipulada para as demandas é de R\$ 8 mil por empresário. Isso não quer dizer que os empresários sejam obrigados a atender somente a demanda do núcleo, os pedidos feitos por fora são de direito da empresa procurada.

Para participar do núcleo a empresa passa por uma avaliação de idoneidade financeira e de competência técnica para saber se terá condições de atender às demandas com qualidade. No início integravam o núcleo 6 empresas e atualmente são 10 empresas.

No final de 2006 o *show room* foi fechado, porque segundo alguns dos integrantes, o mesmo estava dando prejuízo, mas a organização do núcleo foi mantida.

## CAPITULO V

### **5 O ESTUDO DE CASO DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DE PALHOÇA**

Este capítulo diz respeito aos resultados do trabalho de campo. Para isso, foi feita uma pesquisa com dez empresas que trabalham com a fabricação de móveis em dois bairros do município de Palhoça (Jardim Eldorado e Passa Vinte). A escolha de fazer a pesquisa em apenas dois bairros está ancorada no fato de ser muito grande o universo de empresas, se considerado todo o município – acredita-se que existam aproximadamente 200 empresas trabalhando de maneira formal – e, também, porque a maioria das empresas que integram o Núcleo Moveleiro, está instalada nestes dois bairros. Das dez empresas que integram o núcleo, apenas duas têm suas instalações em outros bairros. Mesmo que a amostra não seja representativa do conjunto da indústria moveleira de Palhoça, acredita-se que os dados sejam suficientes para conhecer suas principais características e responder aos objetivos propostos neste trabalho.

Como o núcleo moveleiro é formado por dez empresas, sendo duas em bairros diferentes daquele do estudo, foram entrevistas duas empresas que não fazem parte do núcleo, com isso acredita-se que as informações de tais empresas enriqueceriam ainda mais o conhecimento sobre esta indústria no município.

É importante salientar que as empresas se mostraram interessadas em colaborar, mas impuseram uma condição para conceder as entrevistas: o compromisso de não serem identificadas. Também é importante frisar que durante as entrevistas as respostas não foram totalmente rígidas permitindo-se ao entrevistado expor suas idéias.

#### **5.1 AS CARACATERÍSTICAS DAS EMPRESAS**

De acordo com o que se levantou do histórico do município, Palhoça teve um crescimento demográfico muito grande na década de 1990, e foi nesta década que as empresas

entrevistadas iniciaram suas atividades no município. Das entrevistadas, duas delas começaram a trabalhar com a fabricação de móveis em 1992 as demais nos anos seguintes. Assim, com a amostra deste trabalho, percebe-se que esta indústria é bastante jovem.

Entre os entrevistados, um já exercia a atividade em outro lugar antes de se instalar no município. Além disso, existem empresas que se originaram de antigos funcionários das maiores empresas deste ramo na região. Esta é uma característica de APL, pois na literatura sobre o assunto é comum encontrar este tipo de ocorrência, ou seja, uma empresa já estabelecida dentro do mercado suscita o surgimento de outras empresas do mesmo ramo, que passam a atender um mercado que a empresa líder não alcança ou não tem interesse, ou ainda que terceirizam alguns serviços para a empresa maior.

Apesar de não serem questionadas sobre quais os motivos que levaram a instalação das empresas no município, descobriu-se que algumas vantagens foram encontradas no local. Entre estas vantagens está o fato de estarem instaladas próximas a um grande mercado (a região metropolitana de Florianópolis) e terem encontrado em Palhoça um custo baixo para os imóveis, tanto para aqueles que adquiriram terrenos e construíram suas instalações, bem como para aqueles que têm sua fábrica em galpões alugados.

Outra vantagem revelada pelas empresas está relacionada à falta de fiscalização. Atualmente todas elas estão legalizadas, mas todas trabalharam durante alguns anos na informalidade. No entanto nunca tiveram problemas com isso. Este período de informalidade, segundo eles, deu tempo suficiente para que pudessem se estabelecer no mercado, pois os custos para legalizar a empresa e mantê-la desta forma são altos. Além disso, há muita burocracia, o que torna o processo de legalização lento.

O capital para a constituição das empresas é, de maneira geral, dos proprietários, caracterizando-se a poupança familiar como origem básica do capital para o início das atividades. Todas são de capital nacional e nenhuma delas tem mais de um sócio.

De acordo com o critério usado pelo SEBRAE para a classificação de empresas - segundo o número de funcionários - todas as entrevistadas são micro-empresas. Optou-se por este critério e não pela receita bruta anual que é o que está no Estatuto das micros, pequenas e médias empresas, para evitar constrangimentos na hora da resposta. Mesmo com a escolha de um critério mais simples, durante as entrevistas algumas empresas revelaram que tinham funcionários que não estavam “fichados”. Porém, quando questionadas sobre o número de

funcionários, listavam apenas aqueles que constam de sua folha de pagamento legal. Como as entrevistas foram realizadas no local de trabalho das empresas, pôde-se perceber que o número de funcionários omitidos ficava entre dois ou três, portanto não mudaria a classificação da empresa, isto porque a empresa que apresentou o maior número de funcionários tinha 11 trabalhadores.

Todas as empresas fabricam exclusivamente móveis, na maioria do tipo residencial. O fornecimento da matéria-prima tem origem local para quase todas. Entre elas existe uma que fabrica móveis de madeira maciça com madeira oriunda do Mato Grosso. Pelo que se pôde entender existe um fornecedor local que exerce controle sobre o fornecimento de materiais para o conjunto das empresas fabricantes de móveis. Entre os entrevistados, um revelou que já tentou comprar em outros lugares por um preço mais vantajoso e que repassou esta informação para alguns de seus colegas, mas o fornecedor local assim que soube impediu o fornecimento vindo de outros. Suspeita-se haver certo monopólio no fornecimento, não só da matéria-prima, mas também dos demais materiais usados nas fábricas.

Diante das características das empresas vistas até aqui, verifica-se que são empresas que fabricam móveis com predominância de madeira, em plantas industriais pequenas, com um número reduzido de funcionários e com poucos anos em funcionamento. Outra característica observada nas entrevistas foi o perfil dos proprietários, sendo a maioria bastante jovem e com a preocupação de manter uma boa organização dentro da fábrica.

## 5.2 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE MÓVEIS

Neste item o que se buscou conhecer melhor foi, como se dá a produção de móveis, o que é fabricado, qual a matéria-prima predominante e como as empresas atualizam o processo de produção.

Segundo Geremia (2004), existem diversas formas para se classificar os produtos e os processos da indústria do mobiliário. Uma delas utiliza a matéria-prima predominante – madeiras, metal, etc. - como critério principal. Outra forma de classificação é feita pelo uso do produto – residencial ou para escritório -, ou ainda pelos processos produtivos predominantes como móveis seriados e a produção de móveis sob encomenda.



De acordo com o que foi questionado, a matéria-prima predominante na produção é a madeira. Por causa de preocupações com os fatores ambientais a indústria moveleira tem buscado alternativas para substituir a madeira natural por madeira reflorestada.

Apenas uma das empresas adota como matéria-prima a madeira maciça, as demais usam MDF (*Medium - density fiberboard*). Este material é conhecido internacionalmente por esta abreviatura, que a designação correta em português é placa de fibra de madeira de média densidade, sendo um material relativamente novo no mercado, mas de boa aceitação, pois a maneira como ele é feito dá ao produto maior capacidade de resistência do que as chapas e painéis aglomerados (estes também são usados pelas empresas, mas em quantidade bem reduzida). Todos estes produtos (MDF, chapas e painéis aglomerados), são processados totalmente com madeira proveniente de reflorestamento. Este tipo de material também tem a vantagem de apresentar menor custo e maior eficiência na produção.

Das dez empresas entrevistadas, apenas uma trabalha com móveis seriados, sendo que neste segmento a escala produtiva é maior. No entanto, a flexibilidade é bem menor do que aquela encontrada nas indústrias de móveis sob encomenda. Estas por sua vez, apresentam maior flexibilidade porque precisam se adaptar às exigências da demanda e porque os produtos apresentam maior valor agregado.

A concorrência do mercado, segundo os entrevistados, se dá pela qualidade do produto. Para todos aqueles que formam o núcleo moveleiro é exigido um padrão de qualidade semelhante nos produtos. Mas conforme foi observado, percebeu-se que a concorrência se dá na verdade via preço. Assim a concorrência pela qualidade do produto, pode ser usada pelo núcleo para as demais empresas, mas quando isoladas a concorrência é feita através do preço.

A oferta de produtos segue o comportamento da demanda, bem como os móveis são feitos de acordo com o pedido dos clientes. Eles também acompanham o novo *design* através de revistas especializadas. Esta é uma característica da indústria moveleira nacional, que não consegue ou não investe para elaborar seus próprios desenhos, ou seja, neste item não são capazes de inovar (no sentido de criar alguma coisa diferente do que já existe no mercado).

À exceção das indústrias que não fazem parte do núcleo, as demais participam de feiras e eventos ligados à indústria do mobiliário, onde ao menos, conhecem o que existe de novo no que se refere à máquinas e equipamentos para a produção, bem como as tendências do mercado, como uso de outros materiais, acessórios e novos desenhos. É neste item que se

percebe uma das poucas desvantagens que as empresas não participantes do núcleo têm em relação às demais. As duas empresas que não participam, revelaram não conseguirem financiar os custos de uma participação nas feiras. Já as que são do núcleo têm a vantagem de obterem apoio do SEBRAE e ACIP – Associação Comercial e Industrial de Palhoça, para a participação e também o privilégio de estarem sendo informadas dos eventos que vem acontecendo a nível nacional.

Quando questionadas sobre a tecnologia usada e frequência com que atualizam suas máquinas e equipamentos, descobriu-se que não existem máquinas com componentes eletrônicos na produção e a atualização é feita conforme a necessidade, ou seja, quando um equipamento teve sua vida útil findada. Na verdade, são as ferramentas que são trocadas com mais frequência, já que as máquinas têm uma vida útil maior e por isso quase não são substituídas. Também aqui revelaram que são altos os custos para a aquisição, principalmente de novas máquinas, porque os valores das máquinas mais simples giram em torno de 20 e 40 mil reais, sendo que as mais sofisticadas com funções de comando eletrônico acima de 150 mil reais. Como todos têm preferência por usar capital próprio nos investimentos e, uma vez que o crédito para estes pequenos empresários é bastante restrito, a compra de novos equipamentos, mesmo aqueles mais simples, quase não ocorre.

Observou-se uma grande rejeição para a busca de crédito bancário. Todos disseram que esta é a última alternativa a ser usada no caso de necessidade, pois os juros a serem pagos não compensariam um novo investimento. É bastante compreensível esta atitude, já que os juros do mercado realmente são altos e o modo como estas indústrias se mantêm no mercado, com uma demanda incerta e concorrência via preço, realmente seria difícil obter retorno do empréstimo em pouco tempo. Como trabalham com capital de giro bastante baixo, não podem fazer aqueles investimentos que tenham retorno de longo prazo.

### 5.3 MÃO-DE-OBRA

Dentro dos estudos feitos sobre APL's a mão-de-obra é um item relevante, pois é através da disseminação do conhecimento que a mão-de-obra detém – conhecimento tácito -

aliado ao fato da proximidade local, que o APL aumenta sua capacidade de inovar e concorrer no mercado.

Neste estudo, o fator mão-de-obra é preocupante. Todas as empresas revelaram ter dificuldade em encontrar mão-de-obra qualificada. Normalmente o que ocorre é que os trabalhadores iniciam como auxiliares e com o tempo vão aprendendo a profissão – marceneiro, pintor, montador - ou seja, vão adquirindo qualificação dentro da empresa. Os poucos profissionais conhecidos na região com boa qualificação, principalmente os marceneiros, já estão empregados e bem remunerados.

Inicialmente o trabalhador entra na empresa sem carteira assinada, um tipo de experimento que a empresa faz e se depois de alguns meses a empresa entender que vale a pena investir no profissional este é contratado como auxiliar.

O grau de escolaridade é baixo, poucos concluíram o ensino médio. Verificou-se também que a idade média dos trabalhadores gira em torno de 25 anos e com exceção de três empresas que mantêm recepcionistas – mulheres -, todos os demais trabalhadores são do sexo masculino. Destes, a maioria é casada. Assim a impressão que fica é de que foi a necessidade de terem um emprego, e não a habilidade, que os levou a trabalhar na produção de móveis. Como a mão-de-obra qualificada nas proximidades é escassa, as empresas contratam e investem no profissional.

Apenas uma empresa revelou que terceiriza alguns serviços, principalmente os de pintura. A justificativa, como também foi o que se verificou, é que o espaço para a produção é muito pequeno. Como a pintura exige um espaço dentro da fábrica destinado somente para este serviço e também porque são poucos os produtos que exigem esse tipo de acabamento – já que usam MDF que vem pronto nas cores desejadas – o empresário optou pela terceirização que para ele sai mais barato e não compromete o bom andamento na produção.

Não existe na região nenhuma instituição que prepare profissionais para trabalhar na indústria da madeira. Segundo declarações dos entrevistados, há no laboratório da UNISUL, uma marcenaria completa para treinamento, mas por falta de interesse dos órgãos públicos municipais, que deveriam fazer um convênio com a universidade, este recurso está abandonado. Os proprietários das empresas já se disponibilizaram a dedicar um período da semana para estes treinamentos, mas não poderiam arcar com as despesas e este é o auxílio que gostariam de obter do poder municipal.

## 5.4 O MERCADO

Como a maioria das empresas faz móveis sob encomenda as vendas são feitas de forma direta ao comprador. A exceção é a da fábrica que tem produção em série que vende seu produto para algumas lojas.

O destino da produção se limita à Região da Grande Florianópolis. Entre os entrevistados encontram-se alguns que trabalham mais especificamente para atender o município de Florianópolis, para outros o destino de sua produção fica dentro do próprio município.

As vendas feitas através do Núcleo Moveleiro, também não saem da região da Grande Florianópolis. Não foi percebida nenhuma preocupação, nem mesmo por parte do núcleo, quanto mais de cada empresa em particular, de ampliar o mercado a ser atendido.

Praticamente não usam nenhum veículo de comunicação, só recentemente começaram a fazer propaganda num canal fechado de televisão aos domingos de manhã, mas isto somente para os integrantes do Núcleo Moveleiro.

O *show room* que era uma maneira de expor o trabalho do núcleo esteve em funcionamento pouco mais de um ano. De acordo com alguns dos integrantes do grupo, ele não estava dando os resultados esperados, se bem que esta opinião não é unânime.

A maioria faz anúncio na lista telefônica e dizem que esta maneira de divulgação funciona bem, mas todos consideram a melhor propaganda aquela que é feita pelo cliente satisfeito.

## CAPÍTULO VI

### **6 CONCLUSÃO**

Considerando como definição de arranjos produtivos locais as aglomerações de empresas delimitadas num determinado território que funcionam de maneira organizada e coordenada e também onde existam instituições que dêem amparo para tal organização, não é exatamente o que se encontrou na indústria moveleira de Palhoça.

Verificando outros APL's, como aquele que existente no Extremo-Oeste do Estado onde vários municípios fazem parte de tal arranjo, o número de empresas moveleiras dentro de apenas um município, como o de Palhoça, é muito grande. Apesar de não ser confirmado oficialmente, o levantamento feito pelo SEBRAE em 2002 apontou aproximadamente 200 empresas (formais) que fabricam móveis. Os dados do SEBRAE também foram confirmados pelos entrevistados, pois de acordo com eles em uma reunião comemorativa recente, onde apenas fabricantes de móveis foram convidados, havia aproximadamente mil pessoas, este número se aproxima do mesmo levantamento do SEBRAE que apontava na época aproximadamente 700 empresas moveleiras em Palhoça.

Admitindo-se que a amostra deste trabalho possa não ser representativa, mas como se deu preferência nas entrevistas para integrantes do núcleo moveleiro, que é o grupo mais organizado desta indústria no município, acredita-se que foi possível analisar os resultados sob a ótica dos conceitos de APL's revisados no capítulo 2 deste trabalho.

Existe, portanto, uma aglomeração de um número expressivo de empresas que fabricam exclusivamente móveis. No entanto, estas empresas não trabalham de forma organizada ou coordenada. Isto pode ser verificado através dos seguintes fatores:

- Apesar de haver um grupo de empresas que se organizaram e formaram o Núcleo Moveleiro de Palhoça, ainda são incipientes os resultados, pois este grupo nem mesmo conseguiu obter vantagens na compra de insumos para a produção. São atendidos praticamente por apenas um fornecedor, o que limita bastante o conhecimento de outros materiais e novidades para a produção de móveis;

- A mão-de-obra, um determinante para a pulverização de conhecimento, como é encontrado nos estudos sobre APL's, não é qualificada. São as empresas que a qualificam e se existe rotatividade de mão-de-obra esta se dá em busca de pessoas mais interessadas em aprender;

- Não existe nenhuma instituição preocupada em atender a demanda de mão-de-obra qualificada para esta indústria. Apenas, como foi relatado no capítulo anterior, uma marcenaria que faz parte do laboratório da UNISUL, mas que não está sendo usada por falta de condições das empresas de bancarem os custos e por total desinteresse do poder público municipal em fazer parceria com tal universidade para colocar em funcionamento este instrumento que poderia representar um grande salto para indústria moveleira do município;

- Não foi encontrado nenhum apoio à indústria moveleira, quer de instituições públicas ou privadas. De acordo com os entrevistados, a Prefeitura Municipal se quer tem um levantamento concreto das empresas deste ramo que funcionam no município, quanto mais se preocupa em buscar o crescimento de tal indústria. O SEBRAE que fez um levantamento e, portanto, demonstrou certo interesse, segundo as empresas, cobra muito alto por seus serviços, um preço que empresas tão pequenas como as que lá são encontradas não teriam condições de arcar. A ACIP faz uma única contribuição ao núcleo, empresta uma sala uma vez por semana para que possam se reunir. Desta forma, sua contribuição se restringe a apenas este grupo;

- E, por fim, as empresas não demonstram preocupação em fazer crescer a indústria como um todo. Há pouca troca de informações entre elas, principalmente entre aquelas que formam o núcleo moveleiro, onde se esperava encontrar visão de conjunto. Dentro deste conjunto existe pouco interesse no coletivo. No máximo o que fazem é realizar algumas vendas em conjunto, sendo que atualmente lutam para conseguir um espaço dentro da área destinada as instalações de indústria no município, para que cada um possa lá instalar suas fábricas e cada um fazer seu próprio *show room*. Aqueles que integram o grupo e que demonstraram maior preocupação em buscar vantagens e crescimento coletivo, também são os mesmos que estão dispostos a sair do núcleo por não terem encontrado ali a parceria, que era uma das premissas na formação do núcleo.

Em síntese, de acordo com o que foi estudado e com o que se levantou da indústria moveleira de Palhoça, não se verificou vantagens na proximidade local de tantas indústrias. O que existe é apenas um aglomerado de indústrias especializadas na fabricação de móveis.

O que poderia ser observado futuramente é como se comportará este ramo industrial. Por exemplo, se continuará ou não o número elevado de estabelecimentos; se a maturidade deles, bem como dos seus proprietários aumentará; se o interesse das instituições do município se tornará diferente; e se as condições objetivas para a formação efetiva de um APL foram ampliadas.

Em síntese, o que o estudo empírico permitiu concluir é que a indústria moveleira do município de Palhoça não conforma um APL nos termos apregoados pela literatura, especialmente daquela utilizada no segundo capítulo deste estudo.

## REFERÊNCIAS

ABIMOVEL - Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário. **Panorama do setor moveleiro no Brasil**: informações gerais. São Paulo, 2006.

AMARAL FILHO, Jair do. Arranjo produtivo local: moda ou modo? **OPOVO**, Fortaleza, dez. 2005. Economia. Disponível em: <http://www.noolhar.com/opovo/economia>. Acesso em: 13 dez. 2005.

AMARAL FILHO, Jair do. **É negócio ser pequeno, mas em grupo**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.polodamoda.com.br>. Acesso em: 18 jan. 2007.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Informações para o sistema público de emprego e renda – dados por município**. Disponível em: <http://perfildomunicipio.caged.com.br/brasil.asp?entrada=SPER>. Acesso em: 28 jul. 2006.

BRITO, Vanessa. APL de móveis catarinense consolida-se como pólo exportador. **ASN** – Agência SEBRAE de Notícias, DF, fev. 2007. Disponível em: <http://asn.interjornal.com.br>. Acesso em: 04 fev. 2007.

DENK, Adelino. **Dinâmica competitiva do cluster moveleiro da região de São Bento do Sul – SC**. Florianópolis: [s.n.], 2000. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

DENK, Adelino; CARIO, Sílvio A.F.. Capacitação tecnológica e condições competitivas em arranjos produtivos locais: estudo sobre a indústria de móveis da região de São Bento do Sul - SC. **Nexos Econômicos**, Salvador, v. III, n. 5, p. 51-66, jan. 2004.

FACULDADE MUNICIPAL DE PALHOÇA. **Dados legais**. Palhoça. Disponível em: <http://www.fmp.sc.gov.br>. Acesso em: 30 jan. 2007.

GEREMIA, Fabiano. **Dinâmica competitiva e processo de aprendizagem no arranjo produtivo moveleiro da região oeste de Santa Catarina**. Florianópolis:[s.n.], 2004. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.



LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José Eduardo. **Novas políticas na era do conhecimento**: o foco em arranjos produtivos e inovativos locais. Disponível em: [http://www.redesist.ie.ufrj.br/dados/nt\\_count.php?projeto=ar1&cod=2](http://www.redesist.ie.ufrj.br/dados/nt_count.php?projeto=ar1&cod=2). Acesso em: 18 jan. 2007.

MOVELARIA. **Agência SEBRAE de Notícias**. Disponível em: <http://asn.interjornal.com.br>. Acesso em: 23 jun. 2006.

PALHOÇA. **Portal da Ilha**. Florianópolis, 2006. Disponível em: <http://www.portaldailha.com.br>. Acesso em: 28 nov. 2006.

PALHOÇA (SC). PREFEITURA MUNICIPAL DE PALHOÇA. **Informações sócio-econômicas – IBGE**. Disponível em: <http://www.palhoca.sc.gov.br>. Acesso em: 28 jan. 2007.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado do Planejamento. **Dados estatísticos municipais**. Florianópolis: A Secretaria. Disponível em: <http://www.spg.sc.gov.br>. Acesso em: 28 jan. 2007.

SEBRAE. **Termo de referência para atuação do sistema SEBRAE em APL**. Disponível em: <http://www.biblioteca.sebrae.com.br>. Acesso em: 10 nov. 2005.

SILVA, Eliciane Maria da; SANTOS, Fernando César Almada. Análise do alinhamento da estratégia de produção com a estratégia competitiva na indústria moveleira. **Revista Produção**, v. 15, n. 2, p. 286-299, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 10 ago. 2006.

SILVEIRA, Claudir. **Município de Palhoça – SC**. Florianópolis: Artymagem, 1999. 136p.

VALENÇA, Antônio Carlos de Vasconcelos; PAMPLONA, Leonardo de Moura Perdigão; SOUTO, Sabrina Weber. Os novos desafios para a indústria moveleira no Brasil. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 83-96, mar. 2002.

VARGAS, Marco Antônio. **Proximidade territorial e inovação**: um estudo sobre a dimensão local dos processos de capacitação inovativa em arranjos e sistemas produtivos no Brasil. Rio de Janeiro:[s.n.], 2002. Originalmente apresentada com tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

VILLASCHI FILHO, Arlindo; CAMPOS, Renato Ramos. **Sistemas/arranjos produtivos locais**: conceitos históricos para novas abordagens. In: Castilhos, C. C. (Org.). Programa de apoio aos sistemas locais de produção: a construção de uma política pública no RS. Porto Alegre, p. 11-48, 2002.

**APÊNDICE - QUESTIONÁRIO PARA OBTENÇÃO DE DADOS SOBRE A  
INDÚSTRIA MOVELEIRA DE PALHOÇA, PARA FINS  
ACADÊMICOS.**

**1 - Das características das empresas**

Em que ano iniciou as atividades?

---

Quantos funcionários têm a empresa?

---

Qual é a atividade principal da empresa?

---

---

Qual a origem da matéria-prima?

---

---

**2 - Do processo de produção de móveis**

Qual a principal matéria-prima?

---

---

Tipo de móveis que fabrica?

---

---

Sobre a tecnologia usada:

Atualiza com frequência?

---

---

Como acompanha as mudanças?

---

---

**3 - Sobre o crédito e o sistema financeiro**

Com que tipos recursos são feitos os novos investimentos?

---

---

Quando da necessidade de financiamento, quais são as maiores barreiras para conseguir?

---

---

Existe limite de crédito?

---

---

Qual é o prazo máximo que consegue para o financiamento?

---

---

**4 - Sobre a gestão empresarial**

A mão-de-obra é capacitada?

---

---

Existem instituições que preparam a mão-de-obra necessária?

---

---

Como a empresa busca sua capacitação?

---

---

Como são feitas as vendas?

---

---

A empresa usa algum tipo de publicidade? Qual?

---

---

**5 - A institucionalidade do APL**

Existem instituições que dão apoio às empresas de móveis do município?

---

---

Quais as funções destas instituições?

---

---

Existe a união de empresas no intuito de vencer algumas barreiras?

---

---

Quais são os resultados?

---

---

Recebem o apoio técnico e logístico?

---

---